



Tear Online é licenciada sob uma Licença Creative Commons.

## LUTERO E O SACRAMENTO DA SANTA COMUNHÃO: UMA COMUNHÃO REAL

---

**Sacrament of holy communion: a real fellowship**

**Autor: Dirk G. Lange<sup>1</sup>**

**Tradutor: Geraldo Korndörfer**

**Revisor: Claudio Böning**

### **Resumo:**

Lutero se volta aos sacramentos para rescrever os contornos de uma vida (e teologia) cristã. A fim de destacar esta característica, Lutero trabalha com a metáfora de uma troca feliz - uma metáfora que foi colocada de lado ou até mesmo esquecida por uma parte da teologia luterana atual. Mas é na troca feliz que reside, para Lutero, o significado real deste sacramento: uma verdadeira comunhão.

### **Palavras-chave:**

Lutero. Sacramento. Comunhão. Troca Feliz.

### **Abstract:**

Luther turns to the sacraments into to rewrite the contours of a Christian life (and theology). The sacraments and especially the sacrament of Holy Communion, as a place of proclamation, exercise us in faith. In order to highlight this characteristic, Luther works with the metaphor of the happy exchange – a metaphor that has been sidelined or even forgotten by some current of Lutheran theology. Yet, it is in the happy exchange that for Luther the real significant of this sacrament lies: a true fellowship.

### **Keywords:**

Luther. Sacrament. Communion. Happy Exchange.

\*\*\*

### **O centro aberto**

Quão “luterana” é a atual prática eucarística luterana? O debate em torno do que constitui uma apropriada celebração do sacramento do altar ou da santa ceia é contínuo. Há vozes que defendem ao uso da Oração Eucarística e outras que se opõem ao uso dela. Outros ainda insistirão em uma única interpretação (significação) estreita do sacramento: o perdão dos pecados (legação de um testamento). Eles rejeitarão outras configurações do sacramento (como

---

<sup>1</sup> Professor de Liturgia, História e Teologia Sistemática no Luther Seminary, St. Paul/ MN, Estados Unidos da América.

celebração ou como algo mais do que uma recepção individual). A existência de tantas abordagens e interpretações do sacramento dentro da história do luteranismo tanto na Europa quanto nas Américas e alhures se deve ao fato de que o próprio Lutero jamais insistiu em uma única interpretação!

A flexibilidade que Lutero mostrou em sua compreensão do sacramento nos servirá bem hoje em avançar para a além de uma abordagem rígida e demasiadamente legalista. Não é curioso que tenhamos usado o sacramento do Evangelho – a dádiva do perdão de Deus para nós – como *playground* para discutir regras (regras de presidência e regras de recepção)! Lutero nos adverte exatamente sobre este perigo: Não transformem isto numa lei rígida!<sup>2</sup>

Começemos esta reflexão com uma afirmação menos conhecida de Lutero que parece contradizer esta sua advertência contra a regulamentação! Ela se encontra em *Um sermão a respeito do Novo Testamento, isto é, a respeito da santa missa*, escrito em 1520.

Para se preparar um povo agradável, querido, que estivesse unanimemente interligado pelo amor, Cristo revogou toda a lei de Moisés, e, para doravante não dar ocasião às seitas e divisões, por sua vez instituiu não mais do que uma maneira ou lei para todo o seu povo, a saber, a santa Missa.[...] Assim sendo, doravante não deveria haver outra maneira exterior de servir a Deus do que a missa.<sup>3</sup>

O que nos surpreende é o emprego de Lutero da palavra “lei” aqui em relação à celebração da Santa Comunhão (ou Missa). Como ele está empregando esta palavra? Ele poderia estar estabelecendo um novo “centro” legalista para o culto? Mas o fato de que Lutero tinha uma aversão à lei em parte alguma fica mais claro do que em seus escritos sobre a liturgia. Apesar de seu profundo compromisso com *insights* básicos da Reforma como a comunhão em duas espécies e a acessibilidade da Santa Comunhão (como oposta a missas privadas), quando estes *insights* foram “impostos” às pessoas durante sua ausência de Wittenberg, Lutero abandonou sua “custódia protetora” no Castelo de Wartburg, arriscando sua vida, para restaurar a velha ordem da missa católica! Por quê? Porque ele temia que os *insights* da Reforma estavam sendo transformados em novos princípios ou leis e que as pessoas, em vez de serem ajudadas, estavam sendo confundidas. Até mesmo prioridades evangélicas fundamentais não deveriam se tornar uma nova lei ou novos *centros*.

No entanto, ele escreve, há uma só lei, uma só ordem para o povo todo. Uma leitura superficial de Lutero pode nos deixar perplexos. Por um lado, por exemplo, ele sustenta, em 1520, que todos os “babados” – o canto, a música de órgão, os sinos, as vestimentas, os ornamentos e todos os gestos – são invenções humanas e nada têm a ver com a Santa Comunhão da forma como era celebrada por Jesus. E então, em uma carta de 1539, em resposta a um bom amigo em Brandemburgo que estava perdido quanto ao como deveria responder à demanda de seu soberano por todos aqueles “cheiros e sinos”, Lutero respondeu que o Eleitor pode processar quantas vezes ele quiser – contanto que a Palavra seja proclamada.<sup>4</sup>

---

<sup>2</sup> LUTERO, Martinho. Missa Alemã e Ordem do Culto (1526) In: \_\_\_\_\_. *Obras Seleccionadas*. Vida em Comunidade: Comunidade, Ministério, Culto, Sacramentos, Visitação, Catecismos, Hinos. v. 7. São Leopoldo: Sinodal, Porto Alegre: Concórdia, p. 173 -205, 2000. p. 177.

<sup>3</sup> LUTERO, Martinho. Um Sermão a respeito do Novo Testamento, isto é, a respeito da Santa Missa (1520). In: \_\_\_\_\_. *Obras Seleccionadas*. O Programa da Reforma: Escritos de 1520. v. 2. São Leopoldo: Sinodal, Porto Alegre: Concórdia, p. 253-275, 1989. p. 256.

<sup>4</sup> Martinho Lutero para Georg Buchholzer em carta de 4/5 de dezembro de 1939. (WA Br 8: 624-26).

Lutero demonstra uma liberdade radical quanto à representação litúrgica da Palavra porque, eu creio, ele sempre tem duas pressuposições diante de si: há uma dinâmica interna, uma gramática interna, um centro ou modelo em todo culto e, em segundo lugar, este modelo não está confinado ao que acontece durante uma ou duas horas em que o culto é celebrado. Este modelo é ele mesmo proclamacional e oferece uma gramática para viver. O culto não deve ser confinado apenas ao culto de domingo de manhã, mas em verdade forma o próprio modelo de nossas vidas no mundo. O culto nos ajuda a nos tornar cristãos!<sup>5</sup> O culto nos envia para vivenciar nossa fé no mundo. O centro (Evangelho) é continuamente enviado para as bordas.

A ordem que é a “Santa Missa”<sup>6</sup> não é um conjunto novo de regras ou princípios – não interessa o quanto desejamos que fosse. (A vida não é muito mais fácil quando tudo está claramente definido e nós não temos de pensar sobre o que estamos fazendo?) A ordem não é uma nova lei ou centro, mas uma gramática que nos reorienta e nos envia para o mundo.

### **A reescrita sacramental de Lutero**

Outra expressão usada para os sacramentos é “meios da graça”. Com a palavra “meios”, contudo, muito facilmente podemos pensar em instrumentos ou ferramentas – como se os sacramentos, batismo e santa ceia, estivessem canalizando a graça para nós (como se a graça fosse algum tipo de substância sobrenatural). O perigo é evidente: alguns poderiam acreditar que, através destes “meios”, algo desce até nós ou que, através da celebração apropriada destes meios, temos, de alguma forma, acesso a Deus.

Permitam-me dizê-lo de maneira muito franca: oponho-me a esta metáfora. Essa metáfora pertence a uma visão de mundo e de Deus que é obviamente medieval. Naturalmente surpreende que essa metáfora ainda esteja em vigor nos dias de hoje. Ela vigora em todas as nossas igrejas e em muitos movimentos espirituais. Ela opera sempre que “Deus” é colocado em um âmbito e nós somos colocados em outro. Ela opera sempre que algo do âmbito de Deus é chamado de “sagrado” e algo em nosso âmbito é chamado de “secular” – ou em qualquer outra dessas distinções nominais que possamos fazer. Ela opera na teologia católica que reverencia os sacramentos como um conector entre este mundo e a realidade de Deus, e ela opera igualmente nas teologias evangélicas mais fundamentais que reverenciam a “lei” como um caminho para Deus.

O que os “meios da graça” podem significar para nós hoje, se não devem ser canais de poder sobrenatural ou simplesmente sinais memoriais? Como poderiam ser redefinidos de acordo com os escritos confessionais luteranos? Proporei a seguinte definição: “Um ato sacramental não é lançar uma ponte sobre a lacuna entre o sagrado e o secular – não é nosso “olho mágico” para dentro da realidade de Deus – é o encontro da graça de Deus através de e em nossa necessidade e a necessidade do mundo. Nesse encontro, a vida e a necessidade humana são reorientadas e a fé é criada”.

Em outras palavras, os sacramentos nos abrem. Talvez “reorientar” seja um verbo mais fácil do que “abrir”. Eles não fazem isso magicamente, mas porque são o encontro com Jesus Cristo. Eles não são escadas ou canais, mas o encontro com uma pessoa: com Jesus Cristo. Jesus

---

<sup>5</sup> LUTERO, 2000. p. 178.

<sup>6</sup> Diferentemente de outras passagens em seus escritos, Lutero usa a palavra Missa em um sentido completamente positivo como a designação para o Culto da Santa Comunhão.

Cristo promete que está “no batismo, na ceia e pregação até o fim dos tempos, até que ele venha”.<sup>7</sup>

Com que se parece este encontro? O que ele acarreta? Para Lutero, há três partes no sacramento. Ele as define de várias maneiras, em escritos diferentes. Do Catecismo Maior sabemos que um sacramento a) é alguma ação instituída por Jesus com um claro mandamento (“façam isto”) b) é uma palavra de promessa anexada a este ato; e c) proporciona benefícios. Em outros escritos, Lutero definirá as três partes da seguinte maneira: a) sinal b) significado e c) fé.

No caso da Santa Comunhão, o sinal consiste no pão e no vinho e no ato de comer e beber. O componente terreno tem dois aspectos: tanto a coisa em si quanto a ação associada com ela (não devemos admirar o pão e o vinho, mas realmente comê-lo e bebê-lo como em uma refeição).

O significado do sacramento é obviamente claro à primeira vista. A promessa anexada ao sacramento é o perdão. O próprio Cristo diz: para o perdão dos pecados. Embora Lutero insista no perdão como a dádiva segura, ele toma a liberdade de definir como o perdão deve ser compreendido. Lutero amplia o sentido do perdão para além da restrição que muitas vezes impomos.

Demasiadas vezes, o perdão dos pecados é limitado ao ato individual, pessoal: meus pecados, teus pecados estão perdoados. Estou novamente em dia com Deus, estou novamente em uma relação pessoal com Deus. Mas escutemos como Lutero define o significado deste sacramento, o perdão dos pecados:

O que este sacramento significa ou opera é a comunhão de todos os santos. [...] Essa comunhão consiste em que todos os bens espirituais de Cristo e de seus santos são compartilhados e comunicados a quem recebe este sacramento; por outro lado, todos os sofrimentos e pecados também passam a ser comuns, de modo que amor é aceso por amor, levando à união.<sup>8</sup>

E então:

Como se estivesse dizendo: ‘Eu sou o cabeça, quero ser o primeiro que se dá por vocês, quero participar de seu sofrimento e sua desgraça e carregá-los para vocês, para que também vocês, por sua parte, procedam dessa maneira para comigo e uns para com os outros, permitindo que tudo seja comum em mim e comigo.’<sup>9</sup>

Está claro: o perdão dos pecados não significa simplesmente uma experiência individual, mas uma realidade comunal. O perdão dos pecados envolve toda a comunidade. Através do perdão, sou reintegrado em uma comunidade maior pela qual também sou responsável. Exatamente como sou carregado, eu também carrego, suporte meu próximo. Outra palavra para este perdão talvez seja reconciliação.

Também é importante observar que este Cristo não é um Jesus esotérico, branco, cintilante que gostaríamos de imaginar e a quem gostaríamos de nos agarrar. Este é Jesus que vem

---

<sup>7</sup> LW 38:29. [WA 30 III, 110-159].

<sup>8</sup> LUTERO, Martinho. Um sermão sobre o venerabilíssimo sacramento do santo e verdadeiro corpo de Cristo e sobre as irmandades, do Doutor Martinho Lutero, Agostiniano. In: \_\_\_\_\_. *Obras Selecionadas*. Os primórdios. Escritos de 1517 a 1519. v. 1. São Leopoldo: Sinodal, Porto Alegre: Concórdia, p. 425-444, 2004. p. 429. [O autor cita a data da escrita do texto na 3ª vez que o texto é citado, proponho colocar a data na 1ª vez: Escrito em 1519.]

<sup>9</sup> LUTERO, 2004, p. 432.

no sofrimento e no pecado, nos méritos e nas alegrias do próximo. Este Cristo tem carne, uma presença real. E uma presença que nos confronta, pois com demasiada facilidade podemos imaginar (criar) nosso próprio Deus quando abandonados às nossas próprias maquinações, mas quando Cristo vem como o próximo, como um “destes mais pequeninos” (Mateus 25), não podemos tão facilmente transformar esse outro corpo naquilo que desejamos que ele seja. O significado do sacramento está literalmente encarnado.

A terceira parte do sacramento é a fé. Não basta apenas saber o que são o sinal e o significado, mas que tu “precisas desejá-lo e crer firmemente que o recebeste”<sup>10</sup> A fé é definida aqui como “desejar” e “crer” que isto é “para ti”. A fé, como definida por Lutero, não é uma obra humana. Não é meu esforço crer ou compreender. Pelo contrário, a fé é o reconhecimento de minha necessidade (um reconhecimento que é expresso como desejo) e o estender de minhas mãos (crendo que Deus verdadeiramente vem a mim). As mãos estendidas falam sem palavras. Elas falam necessidade, desejo, crença. Como ou por que consigo estender minhas mãos? Eu não consigo, por poder ou vontade ou compreensão própria, crer que Cristo está presente em pão e vinho, mas porque Cristo prometeu estar aqui, neste pão e vinho (“Este é meu corpo.”), porque Cristo vem no corpo, a fé é criada.

A presença real de Cristo me torna consciente de minha necessidade e me leva à ceia. A fé significa que o perdão dos pecados não é somente um conceito, mas que Cristo me engaja, que o Espírito me molda e forma. Em outras palavras, o sacramento tem consequências! Ele nos reorienta no mundo, para o próximo, na comunhão, *communio*, para viver a fé que recebemos como dádiva.

### **Communio: a troca feliz**

Tendo analisado brevemente a definição tripartite de Lutero de um sacramento, examinemos mais de perto uma das três áreas – o significado do sacramento. O movimento litúrgico para fora talvez seja descrito da melhor forma por Lutero em seu “Um sermão sobre o venerabilíssimo sacramento do santo verdadeiro corpo de Cristo e sobre as irmandades”.<sup>11</sup> Aqui, Lutero argumenta para fora a partir do Sacramento do Altar. A Santa Comunhão é verdadeiramente uma *communio* (grego: *synaxis*) que, quando recebida, forma uma comunhão, uma comunidade (o verdadeiro significado). Inclusive o sinal do sacramento – pão e vinho, comer e beber – aponta para o significado, para esta comunhão. Por exemplo, exatamente como o pão é constituído por muitos grãos misturados, assumindo “o corpo comum do pão [...] é assim que devemos ser”. A comunhão consiste nesta troca feliz: Cristo tomando sobre si mesmo nossa forma e isto, por sua vez, “inflamados de amor, nós assumimos a sua forma, confiamos em sua justiça, vida e bem-aventurança”.<sup>12</sup> Mas isso não é tudo. Há outra parte desta assim chamada troca feliz, uma parte que tendemos a desconsiderar.

Por outro lado, devemos também transformar-nos através do mesmo amor, permitindo que sejam nossas as imperfeições de todos os outros cristãos, assumindo sua forma e necessidade e permitindo que seja deles tudo o que de bom estiver ao nosso alcance, para

---

<sup>10</sup> LUTERO, 2004, p. 435.

<sup>11</sup> LUTERO, 2004, p. 429.

<sup>12</sup> LUTERO, 2004, p. 434.

que possam desfrutar disto. É nisso que consistem a comunhão autêntica e o verdadeiro significado deste sacramento.<sup>13</sup>

O sacramento como comunhão real nos convida para uma “gramática” diferente de vida – uma comunhão em que a comunhão com meu próximo, o outro, é equacionada com minha própria comunhão em Jesus Cristo. É notável que, neste tratado sobre o sacramento do altar, Lutero também aborde o tema das “irmandades”. No final da Idade Média, as “irmandades” deveriam ser, entre outras coisas, uma “fraternidade” especial dedicada a fazer boas obras e a ajudar outras pessoas (talvez algo parecido com nossas organizações de caridade?). Lutero aponta que, em vez disso, elas estão cheias de gula e bebedeira onde o dinheiro coletado visa tão somente à manutenção do grupo.<sup>14</sup>

Pelo contrário, a “real comunhão” iria “fazer uma coleta e alimentar uma ou duas mesas de gente pobre, mandando servi-las por amor a Deus”.<sup>15</sup> O modelo testemunhado no compartilhamento do pão e do vinho, o modelo da graça de Deus para conosco, é vivenciado no mundo e não simplesmente dentro de nossa comunidade local. Esta distinção é importante. Nós todos podemos compartilhar até certa medida dentro de nossa comunidade paroquial local. Todos nós podemos prometer uma parte de nossa renda. Todos nós podemos doar nosso tempo. Mas a “comunhão real” é com aquelas pessoas que *não* são como nós. Lutero as chama de pobres – aquelas pessoas que não têm o suficiente para comer. Nós também as podemos chamar de pobres, mas igualmente as podemos chamar de sem-teto, imigrantes, mães solteiras, drogaditos. Também poderíamos chamá-las de aquelas pessoas que se encontram em aflição espiritual, física ou mental – os desconsolados, os enfermos, aqueles em angústia, os incapacitados – todas as pessoas que sofrem e passam necessidade em nossas comunidades. Estas pessoas estão à mesa ou nossas assembleias se assemelham às irmandades.

Quando a comunhão nos atrai para o centro, ela finalmente nos atrai para Jesus Cristo, crucificado e ressuscitado. Mas Cristo jamais fica preso em qualquer de nossas palavras, independentemente de quão eloquentes sejam, independentemente de quão persuasivas sejam em termos teológicos; Cristo não fica preso em qualquer de nossas liturgias ou símbolos, independentemente da beleza com que sejam celebrados. Todas estas coisas – palavras, água, pão e vinho, orações e pregação – proclamam a presença de Cristo para nós, mas essa mesma proclamação nos envia para fora a fim de compartilhar a água da vida com as pessoas sedentas, comida com as famintas, justiça para as oprimidas e excluídas. Este é o cerne do culto em Palavra e sacramento – formando nossas vidas na proclamação de Cristo conosco, e Cristo esperando por nós, do lado de fora. A compreensão de Lutero do sacramento incorpora esta dinâmica.

Há outro ponto que, às vezes, deixamos de perceber no escrito inicial de Lutero sobre a santa ceia. Lutero quase nunca menciona “Cristo” sem acrescentar “e todos os santos”. Cristo e a comunhão de crentes estão inextricavelmente ligados. Encarnação e comunidade são inseparáveis. O próximo e o crente são ambos envolvidos na incrível dádiva da contínua revelação de Deus através de Palavra e sacramentos. Mediante a participação no sacramento da Santa Comunhão, somos tornados um com Cristo e com todos os santos em suas obras, sofrimentos e mérito.<sup>16</sup> A união com Cristo não leva a uma piedade individualista (Jesus e eu) como muitas vezes tem acontecido em nossa prática atual. Ao insistir na comunhão no sofrimento e mérito com

---

<sup>13</sup> LUTERO, 2004, p. 434.

<sup>14</sup> LUTERO, 2004, p. 440.

<sup>15</sup> LUTERO, 2004, p. 440.

<sup>16</sup> LUTERO, 2004, p. 435.

todos os santos, Lutero não concede espaço a uma religião individualista preocupada unicamente com a salvação pessoal. Muitos grãos se tornam um só pão significa que nós também nos tornamos um só com todos os outros. No sacramento, somos continuamente tornados conscientes do próximo e de nossa vida e testemunho comum. Esta confrontação nos abre.

A abertura do centro – de nossos *selves* – torna-se nossa vocação. No sacramento, a fé é dada como dádiva e não como possessão (a ser sacrificada). Na distribuição do Corpo e Sangue de Cristo, a fé criada. Na distribuição de Deus, Deus nos conforma a Cristo na assembleia, e Deus nos conforma a Cristo no próximo sofredor. O evangelismo pode então acontecer, não como nossa obra, mas como obra de Deus da real comunhão no mundo.

A imediatez do sacramento, da revelação de Deus, é expressada simbolicamente, em linguagem e em gesto. Uma das recomendações primordiais das regulações iniciais para igrejas da Reforma (*Kirchenordnungen*) foi que sempre houvesse uma caixa comum para os pobres.<sup>17</sup> Depois de um longo capítulo sobre o uso e abuso da missa (e instruções de como a missa deveria ser representada), o Pastor Johannes Bugenhagen prossegue com um capítulo sobre a caixa comum. A linha da eucaristia até a caixa comum, embora não explicitamente afirmada, é fortemente sugerida.<sup>18</sup> “Todas as tentações (literalmente ‘gritos por ajuda’) do corpo e da alma de nossos irmãos [e irmãs], sejam ricos ou pobres, deveriam ser minhas”.<sup>19</sup> Não deveria haver compartilhamento na Santa Comunhão sem este compartilhamento na condição humana. No entanto, agora a correlação entre os dois não é “extrínseco”, isto é, não é causa e efeito, não “eu faço isso para que... ou por causa de...”, mas antes é “viva”, isto é, a promessa de Deus está vivendo a liturgia na dor do mundo. A linguagem simbólica da liturgia, o modelo de culto, é a linguagem de fé e amor, a linguagem de comunhão com o outro.

No sacramento (na promessa do perdão), somos tornados um só com Cristo e com o próximo. A confrontação ocorre em “sendo tornados um só com...”. Somos confrontados em nossas tendências autocentradas, sejam elas autojustificação, orgulho, individualismo, autogratificação de emoções religiosas ou da própria razão. O pecado opera através destas diferentes formas sempre isolando o indivíduo de uma comunhão restaurada com Cristo e o próximo.

Para Lutero, o pecado está fortemente identificado com a rebelião contra Deus (descrença) e a fuga da comunidade humana. Ele considera as pessoas que não estão dispostas a serem confrontadas pelo sacramento como pessoas receosas do mundo. Elas não querem sofrer “desfavor, prejuízo, vergonha ou morte, embora Deus queira que, por causa da verdade e do próximo, elas sejam deste modo impelidas”.<sup>20</sup> Elas não querem compartilhar no sofrimento para o qual o perdão dos pecados as convoca. Elas podem estar dispostas a orar na liturgia, mas minimizam o que a súplica acarreta. Elas podem reconhecer a ação de graças (o significado original da palavra grega *eucharistia*), mas ignoram o compartilhamento. No entanto, a dádiva da fé que vem a nós em Palavra e sacramento é Deus reintegrando e recriando uma comunhão, não só entre Deus e nós, mas também entre o próximo e nós. O sacramento do altar “rompe todos os ferrolhos

---

<sup>17</sup> A ordem da igreja de Braunschweig de 1528, escrita pelo pastor principal de Wittenberg Johannes Bugenhagen foi o primeiro modelo formativo para todas as ordens eclesíásticas posteriores. Veja Carter Lindberg, *Beyond Charity: Reformation Initiatives for the Poor* (Minneapolis: Fortress, 1993), p. 142.

<sup>18</sup> Bugenhagen, *Kirchenordnung*, p. 153-270.

<sup>19</sup> Bugenhagen, *Kirchenordnung*, p. 270.

<sup>20</sup> LUTERO, 2004, p. 433.

e grilhões deste perecedouro mundo de morte”.<sup>21</sup> O sacramento da Santa Comunhão rompe todos os grilhões e centros autoinventados que impedem a comunhão.

A eucaristia nos confronta com uma nova linguagem sobre o mundo, com uma nova ordem ou lei para a vida. Como o pão da vida, somos quebrados e distribuídos; compartilhamos nos sofrimentos e na dor de Cristo e nos sofrimentos e na dor do próximo. A caixa comum colocada próxima à celebração eucarística não é dever ou obrigação, nem disciplina ou autodomínio, mas testemunha nossa própria realidade de sofrimento. A eucaristia define a vida como um contínuo envolvimento na morte e ressurreição de Cristo que não tem fim até nossa morte e ressurreição corporais.

Esta confrontação com a morte e a ressurreição no sacramento não é meramente um drama emocional ou psicológico. Tornou-se demasiadamente fácil equiparar “formidável” emoção religiosa com o sentido de que “morremos”, isto é, que abrimos mão de algo para Deus. A morte de que Lutero fala é uma participação concreta na morte de Cristo, no sofrimento de nós próprios e de outros. Esta participação no mandamento de Cristo, “Façam isso em memória de mim” não é simplesmente um ato interior do coração, mas uma lembrança externa e pública.<sup>22</sup> O crente é enviado para o mundo: “Vai em paz. Serve o Senhor!”

## Referências

LUTERO, Martinho. Missa Alemã e Ordem do Culto (1526) In: \_\_\_\_\_. Obras Seleccionadas. Vida em Comunidade: Comunidade, Ministério, Culto, Sacramentos, Visitação, Catecismos, Hinos. v. 7. São Leopoldo: Sinodal, Porto Alegre: Concórdia, 2000.

LUTERO, Martinho. Um Sermão a respeito do Novo Testamento, isto é, a respeito da Santa Missa (1520). In: \_\_\_\_\_. Obras Seleccionadas. O Programa da Reforma: Escritos de 1520. v. 2. São Leopoldo: Sinodal, Porto Alegre: Concórdia, 1989.

LUTERO, Martinho. Um sermão sobre o venerabilíssimo sacramento do santo e verdadeiro corpo de Cristo e sobre as irmandades, do Doutor Martinho Lutero, Agostiniano. In: \_\_\_\_\_. *Obras Seleccionadas*. Os primórdios. Escritos de 1517 a 1519. v. 1. São Leopoldo: Sinodal, Porto Alegre: Concórdia, 2004.

---

<sup>21</sup> Peter Brunner, “Divine Service in the Church” in *Primary Sources of Liturgical Theology: A Reader*, ed. Dwight W. Vogel (Collegeville, Minnesota: The Liturgical Press, 2000), p. 209.

<sup>22</sup> Psalm 111 Interpreted (1530), in LW 13:365-366. LW 13: 365-366.